

A criança com TEA: o ingresso no ensino fundamental em meio a pandemia**The child with ASD: entering elementary school amid the pandemic**

DOI:10.34117/bjdv6n7-302

Recebimento dos originais:03/06/2020

Aceitação para publicação:14/07/2020

Paloma Rodrigues Cardozo

PUCRS – Escola de Humanidades

Porto Alegre/RS

E-mail: Paloma.Cardozo@edu.pucrs.br

Andreia Mendes dos Santos

PUCRS – Escola de Humanidades

Porto Alegre/RS

E-mail: andreia.mendes@pucrs.br

RESUMO

Nossa finalidade é apresentar o trabalho realizado em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de Porto Alegre no que diz respeito à inclusão no primeiro ano do ensino fundamental de crianças com o diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista). Justifica-se, pois, a cada ano percebemos um aumento significativo de crianças com tal diagnóstico ingressando no primeiro ano do ensino fundamental. Considerando que o período de ingresso e transição da educação infantil para o ensino fundamental ocasiona expectativas nos pais, crianças e educadores, este trabalho visa discutir sobre o papel do professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) no apoio ao planejamento do professor para estes alunos em tempos de isolamento social. Por objetivo, visamos discutir a inclusão das crianças com TEA na escola em meio ao distanciamento social, em tempos que o envio de atividades ocorre de maneira remota, sem a interação direta entre professor/aluno. Pertinente à área da Educação, a experiência na escola é importante para o desenvolvimento da criança e neste espaço ela produz sua trajetória escolar. Apoiadas em Mantoan (2003), sobre a identidade sociocultural e a escola como local de legitimação, e Sarmiento (2004) tomando-lhe a invisibilização da infância como uma crise de conceitos, reforçamos a necessidade de (re)pensar a inclusão e adaptação dos alunos com NEES e especificamente os alunos com TEA no cenário atual. É uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, realizamos oito entrevistas com famílias de crianças que apontavam ter o laudo no ato da matrícula ou que já estavam em investigação e foram entrevistados quatro professores. A análise se deu por meio da Análise de Conteúdo utilizando os pressupostos de Bardin. Concluímos que o processo de ingresso no ensino fundamental requer um trabalho em conjunto com os familiares e professores, para que ao conhecer a trajetória da criança e o professor possa ter elementos que o auxiliem na construção do vínculo inicial com estes alunos. Consideramos de extrema importância que o professor do AEE conheça conceitos e discussões sobre Infância e suas peculiaridades. Na atualidade se faz necessário garantir espaços de escuta e fala – tanto para os professores, quanto para as famílias.

Palavras-Chave: Infância, Transtorno do Espectro Autista, Alfabetização.

ABSTRACT

Our purpose is to present the work carried out in a Municipal Elementary School of Porto Alegre with regard to the inclusion in the first year of elementary school of children diagnosed with ASD (Autism Spectrum Disorder). It is justified, therefore, each year we noticed a significant increase in children with such diagnosis entering the first year of elementary school. Considering that the period of entry and transition from early childhood education to elementary school causes expectations in parents, children and educators, this paper aims to discuss the role of the teacher of Specialized Educational Care (ESA) in supporting the teacher's planning for these students in times of social isolation. This is why we aim to discuss the inclusion of children with ASD in school amid social distancing, in times when the sending of activities occurs remotely, without the direct interaction between teacher/student. Pertinent to the area of Education, the experience at school is important for the child's development and in this space it produces his/her school career. Supported by Mantoan (2003), about sociocultural identity and school as a place of legitimation, and Sarmiento (2004) taking the invisibility of childhood as a crisis of concepts, we reinforced the need to (re)think about the inclusion and adaptation of students with NEES and specifically students with ASD in the current scenario. It is a qualitative research, of exploratory nature, we conducted eight interviews with families of children who indicated that they had the report at the time of enrollment or who were already under investigation and four teachers were interviewed. The analysis was performed through Content Analysis using Bardin's assumptions. We conclude that the process of entering elementary school requires working together with family members and teachers, so that knowing the trajectory of the child and the teacher can have elements that help him in the construction of the initial bond with these students. We consider it extremely important that the professor of the ESA know concepts and discussions about Childhood and its peculiarities. Nowadays it is necessary to guarantee spaces of listening and speaking – both for teachers and for families.

Keywords: Childhood, Autism Spectrum Disorder, Literacy.

1 INTRODUÇÃO

Sobre a temática da inclusão, são inúmeros os questionamentos que surgem e assim o tema passa a ser amplamente discutido, principalmente sobre os meios acerca de que forma a inclusão de alunos com deficiência seja realizada garantindo a efetiva participação e acesso às aprendizagens construídas no ambiente escolar. Partindo do pressuposto de que enquanto Escola necessitamos (re)pensar sobre o ingresso das crianças com deficiência, principalmente os alunos com TEA (Transtorno do Espectro Autista) nos primeiros anos do ensino fundamental, entende-se que o professor da turma, juntamente com o auxílio do professor do atendimento educacional especializado/AEE, ocupam papel fundamental para que este processo ocorra de forma significativa e satisfatória.

Faz-se necessário trazer para análise esta temática, uma vez que o aumento de matrículas no ensino regular de alunos com TEA é uma realidade e ao falarmos em não linearidade do processo de escolarização trazemos para discussão a questão das diferenças que o contexto escolar abrange nos seus tempos e espaços (agora modificados mediante a pandemia). Aprofundar estudos sobre as

relações que são estabelecidas entre professor e aluno e o quanto elas interferem na aprendizagem, uma vez que os professores relatam, expressam diversos sentimentos e angústias frente ao desafio se faz fundamental neste momento, pois o professor não possui contato direto com o aluno.

As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica destaca que todos os alunos devem ser matriculados sem distinção (RESOLUÇÃO CNE/CEB N° 2/2001), tendo a criança com TEA o direito ao espaço escolar e a inclusão com qualidade. Tal questão torna-se uma prioridade a ser (re)discutida pelo campo da educação, pois é preciso (re)pensar sobre o momento de adaptação ao ingressar no Ensino Fundamental, a imprevisibilidade, a diversidade, a necessidade de adaptações, levam o educador a uma linha muito tênue entre o sentimento de acertos e erros.

Apresentamos a pesquisa realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de Porto Alegre/RS, tendo como problematização a seguinte questão: como garantir uma inclusão de qualidade no primeiro ano do ensino fundamental, visto que neste momento de pandemia do COVID-19 o ensino está se dando de maneira remota? A partir desta perspectiva também trazemos para análise o papel do professor do atendimento educacional especializado neste papel de mediação entre alunos e professores. Temos por objetivo identificar como está sendo planejada a ação pedagógica dos professores. Com este objetivo pretendemos também analisar como o professor do AEE contribui para a inclusão e adaptação nesta Etapa.

1.1 SOBRE A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: E AGORA?

Ao falarmos de inclusão, destarte compreender o conceito de inclusão e pensar sobre além da criança com deficiência, mas também da diversidade e das peculiaridades de cada criança que ingressa nesta nova etapa de sua escolarização. Segundo a Declaração de Icheon (UNESCO 2016),

Todas as pessoas, independentemente de sexo, idade, raça, cor, etnicidade, língua, religião, opinião política, origem nacional ou social, pobreza ou nascimento, bem como as pessoas com deficiência, migrantes, grupos indígenas, crianças e jovens, principalmente os em situação de vulnerabilidade ou outro *status*, deveriam ter acesso a uma educação de qualidade inclusiva e equitativa, bem como a oportunidades de aprendizagem ao longo da vida. O foco na qualidade da educação, na aprendizagem e em habilidades destaca, ainda, outra lição importante: o perigo de se concentrar no acesso à educação sem prestar atenção suficiente se os alunos estão, de fato, aprendendo e adquirindo habilidades relevantes uma vez que estejam na escola. (p.6)

No ambiente escolar, os primeiros anos do Ensino Fundamental abrangem um período da infância primordial na vida destes alunos; ainda que para alguns corresponda a primeira experiência de escolarização, significa a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, período em

que o processo de escolarização exige outras normas, ora antes houvesse mais tempo e espaço para a imprevisibilidade, o brincar e uma adequação maior da rotina. De acordo com a BNCC (2017), os dois primeiros anos do Ensino Fundamental devem consolidar o foco na alfabetização e práticas que oportunizem diversos modos de aprendizagem. Também ressalta que há mudanças significativas neste período da infância e

A BNCC do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. (p. 57/58)

Desta forma, pensar na adaptação e na inclusão destes alunos, articulado com suas trajetórias já percorridas na educação infantil é efetivar boas práticas pedagógicas e possibilitar a oferta de um atendimento adequado, promovendo uma atitude ativa como citado no trecho acima da Base Comum Curricular. Mantoan (2003) ressalta, que “a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral” (p.19).

Neste trabalho parte-se da premissa de que a inclusão é um conceito e uma prática mais ampla do que contemplar somente os alunos com alguma necessidade educativa especial e a autora aborda em seus estudos esta concepção. Pensando na garantia da matrícula e inclusão das crianças desde os 4 anos na Escola, se faz necessário pensarmos em quem é esta criança que ingressa nos primeiros anos do Ensino fundamental. Como sabemos o ingresso dos alunos com deficiência nas Escolas regulares vem crescendo cada vez mais e desta forma os estudos sobre a temática contribuem para o aprimoramento das práticas pedagógicas, pois estes alunos necessitam no cotidiano das Escolas um olhar mais apurado. Quando se compreenderem as especificidades dos estudantes com TEA, principalmente no que diz respeito aos processos de aprendizagem e interação o trabalho pedagógico se torna mais qualificado.

Segundo o DSM-V (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição), o TEA faz parte de um grupo denominado de Transtornos do Neurodesenvolvimento, se manifestando muito cedo, tipicamente antes dos três anos de idade, impactando o desenvolvimento humano nas áreas da comunicação, na área do aprendizado e também da interação social, sendo variável de pessoa para pessoa. Dentre as características que se enquadram dentro destes transtornos, podemos citar os déficits que prejudicam no funcionamento pessoal, social e de aprendizagem, também no que diz respeito ao controle das funções executivas.

Recentemente a Lei Berenice Piana, Lei nº 12764/2012 estabeleceu a Política Nacional de Proteção dos direitos da pessoa com TEA, visado o acesso a um sistema educacional que seja inclusivo em todos os níveis de ensino, bem como o atendimento por profissionais que sejam capacitados a realizar atividades inclusivas.

Da mesma forma, ingressam no primeiro ano do ensino fundamental diversas crianças advindas da educação infantil, que irão passar pelo mesmo processo de adaptação. Segundo Meirieu (2005)

Abrir a Escola para todos não é uma escolha entre outras: é a própria vocação dessa instituição, uma exigência consubstancial de sua existência, plenamente coerente com seu princípio fundamental. Uma escola que exclui não é uma escola: é uma oficina de formação um clube de desenvolvimento pessoal [...] A Escola propriamente, é uma instituição aberta a todas as crianças, uma instituição que tem a preocupação de não descartar ninguém, de fazer com que se compartilhem os saberes que ela deve ensinar a todos. Sem nenhuma reserva.

Por isso, analisar neste trabalho a escolarização da criança com autismo em meio ao isolamento social, se faz necessário a fim de compreender como a Escola está contribuindo para a aquisição de saberes e construção de aprendizagens.

2 ASPECTOS METODOLOGICOS

Como método utilizamos as observações no cotidiano da escola com crianças ingressantes no primeiro ano do ensino fundamental no período de março à abril de 2020. Foi utilizada entrevista semi-estruturada com pais e entrevistas não estruturadas com professores. Entrevistamos oito famílias, contemplando aqueles que os pais já apontavam ter o laudo no ato da matrícula ou que já estavam em investigação. Entrevistamos quatro professores, das turmas com alunos com TEA matriculados. Utilizando os pressupostos da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), que nos permitiram discursar sobre as intervenções e estratégias do professor do AEE em relação a garantia de práticas significativas de escolarização e adaptação, construindo assim práticas pedagógicas que fossem significativas para os alunos.

Desta forma, a partir da análise do cotidiano escolar, esta pesquisa será fundamentada pela abordagem qualitativa, sendo uma pesquisa participante de natureza exploratória que irá triangular diferentes procedimentos para coleta dos dados: entrevistas e diário de campo. Os diários de campo serão produzidos a partir do deambular (PAIS, 2003) na Escola.

Nossa problematização é: como garantir uma inclusão de qualidade no primeiro ano do ensino fundamental, visto que neste momento o ensino está se dando de maneira remota? A partir desta perspectiva também trazemos para análise o papel do professor do atendimento educacional

especializado neste papel de mediação entre alunos e professores. Com este objetivo pretendemos também analisar como o professor do AEE contribui para a inclusão e adaptação nesta Etapa.

Da perspectiva do afeto, adotamos Vygotsky (1984), pois os vínculos estabelecidos nas trajetórias de aprendizagem vão sendo construídos no cotidiano escolar, com o serviço do profissional do AEE, famílias e professores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultados emergentes das entrevistas com os pais, ressalta-se que as concepções pedagógicas das escolas de Educação Infantil anterior muito tem relação com o ingresso no ensino fundamental, pois dependendo daquela prática, as crianças já estão mais acostumadas a interagir, brincar e se expressar. A partir das entrevistas com a família, foi possível perceber o desconhecimento da rotina escolar do ensino fundamental e a preocupação no bem-estar da criança em primeiro lugar, seguida do desejo e expectativas quanto à aquisição da linguagem escrita. As famílias expressaram terem diversas formas de concepções sobre infância e entendimento sobre direitos dos filhos com deficiência no ambiente escolar. Os pais e as crianças estavam se adaptando a rotina e a sistemática da escola regular, conhecendo as diferentes rotinas e exigências do ensino fundamental, quando desde o dia dezessete de março de 2020 as aulas presenciais foram interrompidas.

Por outro lado, os professores ressaltam que foram avisados no início do ano que teriam alunos com TEA, porém destacam que o vínculo estava em processo de construção, pois foi pouco tempo para conhecer os alunos, apontado esta a causa principal na dificuldade para planejar atividades remotas para envio semanal, sendo necessário ao professor do AEE retomar a trajetória de cada criança na Educação Infantil – ou vindas do ambiente de casa para que o professor compreendesse que esta criança tem uma história e potências, bem como uma rotina estabelecida durante este momento de isolamento. Realizar a escuta sobre a trajetória da criança permite que em conjunto com o professor referência a escola possa ofertar atividades que sejam significativas para estas crianças que estavam ingressando neste novo ambiente, iniciando descobertas e experiência escolar. Destacamos a participação de quatro famílias:

1) pai em que a escola sinalizava que havia “atrasos” no desenvolvimento da criança desde os dois anos de idade e ele pensava ser “da idade e por ele ser muito pequeno” e ao ir prestigiar a Mostra Cultural na Escola, vendo o mural de pinturas do alunos, percebeu o quanto a atividade do filho era diferente das outras mais (garatuja desordenada).

2) a fala de outra família de que a escola nunca apontou nada de diferente no comportamento, mas que ao trocar de professora no Jardim B, esta os chamou para conversar sobre a rotina em casa e colocando alguns comportamentos atípicos da criança. O aluno encontra-se em avaliação atualmente.

3) mãe que, embora os médicos diagnostiquem o Espectro Autista, ela pense ser somente uma fase, pois ele passou todos os anos da Educação Infantil sempre muito quieto, se “comportando” e sendo muito elogiado pelas professoras, “apenas não falava”.

4) uma mãe que coloca que na Educação Infantil o filho nunca foi aceito por ser muito frágil e “por não ter acesso as condições necessárias para um ensino de qualidade”, então ela ficava em casa com ele. Neste caso o diagnóstico confirmado foi de Distrofia Muscular de *Duchenne*, não tendo relação com o TEA, como sugerido pela Escola. Estas informações se fazem necessárias para organizar horários de adaptação e a aproximação e observação do professor sobre cada aluno.

Cabe a discussão de que o professor do AEE é o fio condutor da relação entre famílias e professores, ocasiona um diferencial na inclusão deste aluno.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos este processo de ingresso no ensino fundamental requer um trabalho em conjunto com os familiares e professores, para que ao conhecer a trajetória da criança, o professor possa ter elementos que o auxilie na construção do vínculo inicial com estes alunos. Porém, ao ter esta construção interrompida, se torna fundamental encontrar mecanismos para que o professor possa pensar e organizar seu planejamento de forma a contemplar a realidade do seu aluno. O professor do AEE acaba por interagir e construir esta rede de apoio e comunicação, observando e avaliando quais as possibilidades para as próximas intervenções. Consideramos de extrema importância que o professor do AEE conheça conceitos e discussões sobre Infância e suas peculiaridades, pois entendemos que exerce o papel de mediador, responsável por motivar e organizar o processo de preparação das famílias para o novo cotidiano e rotina que a criança irá vivenciar, bem como retomar os direitos dos alunos de frequentar a escola, para além de um espaço de cuidados mas de aprendizagem.

Cabe destacar que percebemos uma queixa maior sobre os alunos que ingressam na escola sem diagnóstico prévio, onde os professores apontam o sentimento de menor preparação. Ressaltamos que na Educação Infantil são apontadas questões sobre o desenvolvimento das crianças (deficientes ou não), sendo um espaço importante para a busca de outros atendimentos de

estimulação e serviços de saúde. Com a interrupção das aulas, foi mais difícil observar as potencialidades de cada aluno e o papel da família ganha destaque.

Realizar o acolhimento das famílias, resgatar suas histórias de vida e informações pertinentes para a adaptação escolar são importantes para o processo de instrumentalização aos professores e se faz fundamental para o ingresso da criança neste novo espaço, em que ela vai assumir um novo papel. Organizar o ingresso e a adaptação se faz necessário na prática do professor do AEE, pois seu trabalho vai além dos atendimentos pontuais na Sala de Recursos e a criança recém-chegada na Escola tem sua história, vivências e muito o que contar, mesmo que seja neste período de forma remota.

Na atualidade se faz necessário garantir espaços de escuta e fala – tanto para os professores, quanto para as famílias.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V)**. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

ARANTES, V.A. **Afetividade e Cognição: rompendo a dicotomia na educação**. São Paulo: Mandruvá, 2004. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm>. Acesso em: 02.12.2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 19/08/2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei 12.764/12: **Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em 04.08.19.

_____. CNE. CEB. Resolução n. 2, de 11 de setembro de 2001, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: 2001.

MANTOAN, Maria Tereza. *Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

MEIRIEU, Phillippe. **O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e o compreender.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

PAIS, José Machado. **Sociologia da Vida Quotidiana: Teorias Métodos e Estudos de caso.** Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais. Edição Brasileira: Vida Cotidiana: Enigmas e Revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

SARMENTO, Manoel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade.** In: SARMENTO, M.J.; CERISARA, A.B. (Coord.). *Crianças e Miúdos. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação.* Porto, Portugal: Edições ASA, 2004.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Educação 2030: Declaração de Incheon e Marco de Ação, rumo a uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e à educação ao longo da vida para todos.** Brasília, 2016. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000243278_por. Acesso em: 12 de outubro de 2019.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente.* São Paulo: Martins Fontes, 1984.